



O canhão da paz

Vivia na longínqua Rússia um famoso fundidor de sinos chamado Sergei Vassilevitch Varbaratov. O som dos seus sinos era de tal forma harmonioso que, sempre que tocavam, até os anjos paravam para os escutar.

Sergei Vassilevitch era casado com uma mulher alta e robusta de nome Natalia Sofia e tinham dois filhos. Um chamava-se Leonid Michail e era um rapaz de boa índole. Ainda muito novo, já ajudava na oficina. Em pouco tempo passou a conhecer todos os segredos da arte da fundição de sinos. O outro filho, Vladimir Nikolai Varbaratov, era, no entanto, uma criança singular. Fugia da oficina do pai, metia o nariz em livros poeirentos, misturava-se com os criados e criadas, e fazia todo o tipo de experiências com flores, ervas e verduras nos terrenos do pai.

“Se fosse alto e forte como o irmão,” suspirava o pai, “ainda podia comprar-lhe uma quinta para ele ganhar a vida...”

Porém Vladimir Nikolai não era alto e forte, mas de complexão frágil, e em nada se assemelhava a um agricultor. Não sabendo o que fazer com o filho mais novo, o pai elevava muitas vezes os olhos ao céu e exclamava:

— Só Deus sabe o que há-de ser do rapaz!

— Santa Bárbara, intercede por ele — acrescentava a mãe, dirigindo-se à padroeira dos sineiros.

Assim ia passando o tempo, e as preocupações de Sergei Vassilevitch cresciam de ano para ano.

Certo Inverno, um enviado do Czar chegou a casa de Sergei Vassilevitch: este deveria apresentar-se sem demora no castelo. “De certeza que se trata de uma encomenda para um novo sino”, pensou Sergei Vassilevitch. Satisfeito, vestiu a sua bela pele de marta e seguiu no trenó rumo a Moscovo, onde o Czar o esperava em pessoa.

Mas desta vez não se tratava de um sino. Pelo contrário, o Czar referiu-lhe um grave problema: os Tártaros atacavam constantemente as aldeias fronteiriças, pilhavam os campos e as pessoas.

— Estão cada vez mais ousados — rugia o Czar. — Não sei como proteger o meu reino.

— A minha arte também não é de grande ajuda neste caso, Meu Senhor — disse Sergei Vassilevitch. — Os sinos anunciam a paz e não a guerra.

— Tens razão — admitiu o Czar — mas diz-se por todo o país que ninguém sabe tanto da arte de fundir metal como tu. Peço-te que me faças um canhão tão grande e poderoso que nenhum na Terra se lhe iguale. Quero colocá-lo no vale por onde entram os Tártaros. Há-de estrondear como um trovão e, como um raio, derrubar os inimigos. À vista das suas balas, os Tártaros serão obrigados a fugir de volta para as montanhas.

— Nunca fiz nenhum canhão, Meu Senhor — objectou a medo Sergei Vassilevitch.

A hesitação do fundidor de sinos não agradou ao Czar.

— Mas posso tentar, seja lá como for — acrescentou Sergei rapidamente ao ver a expressão de descontentamento do Czar.

Passou semanas e semanas a fazer planos juntamente com o filho mais velho. Quando a Primavera chegou, estava preparado. O molde de barro foi cozido e acendeu-se o forno. O minério estava pronto para ser derretido. No dia da fundição, o Czar veio pessoalmente na sua carruagem doirada, acompanhado por alguns generais, ver o que Sergei Vassilevitch projectara.

Com enormes caçarolas verteu-se para dentro da forma uma grande quantidade de minério. Os gases sibilavam ao sair pelas aberturas do cano. Finalmente, ao cabo de muitas horas, o metal arrefeceu e o molde foi cuidadosamente partido. Apareceu então o maior e o mais impressionante cano de canhão que o mundo alguma vez vira. A superfície estava coberta com as mais esplêndidas figuras em relevo.

O Czar apreciou minuciosamente aquela obra de arte. O que maior admiração lhe causou foi a imagem de Santa Bárbara. Desenhada na parte de trás do cano, com uma das mãos apoiava-se numa torre, enquanto na outra segurava um ramo em flor.

— Se o canhão não fosse tão urgente por causa da ameaça dos Tártaros — disse o Czar — só por esta imagem de Santa Bárbara teria um lugar de honra no meu castelo. Será baptizado com o nome de Canhão de Santa Bárbara.

— Isso não vai agradar muito a Santa Bárbara, que bem sabe como são amargas as guerras e as mortes violentas — não pôde deixar de murmurar Natalia Sofia.

O cano foi içado com um guindaste e fixado à carreta, à qual foram atrelados dezasseis fortes cavalos, que só ao fim de grande esforço conseguiram pôr aquele monstro em andamento.

O Czar voltou-se para Sergei Vassilevitch e disse:

— És um grande mestre da fundição, Sergei Vassilevitch Vabaratov. Criaste uma obra magnífica, por isso quero satisfazer um desejo teu. O que desejares, ser-te-á concedido.

Sergei Vassilevitch reflectiu longamente. O olhar poisou no filho mais novo, Vladimir Nikolai, discretamente afastado.

— Meu Senhor, agradeço-vos essa mercê. Tenho, de facto, um grande desejo. O meu filho Vladimir Nikolai, que ali vedes, não é dotado para a fundição. Não sei bem o que fazer com ele, o que me causa muita pena e aflição. Se o tornásseis coronel do canhão de Santa Bárbara e dos artilheiros, retirar-me-íeis um grande peso.

Os generais que acompanhavam o Czar riram-se daquele desejo.

— O prometido deve ser cumprido — disse no entanto o Czar.

E Vladimir Nikolai foi vestido com um faustoso uniforme e calçado com macias botas de couro. Montado no seu cavalo malhado, parecia mesmo um pequeno coronel.

Por sorte, pertencia ao grupo dos artilheiros um velho cabo experiente que percebia do officio. O canhão foi posto em andamento juntamente com setenta e sete pesadas balas e dois carros a abarrotar de sacos de pólvora. Vladimir Nikolai não se voltou para os pais uma única vez, para que não lhe vissem as lágrimas.

A Rússia é um país vasto como o céu. Só ao fim de muitas semanas é que o grupo chegou com o seu pesado canhão ao vale por onde os Tártaros costumavam passar quando invadiam o país. O canhão foi colocado numa colina suave no meio da erva. Reinava lá do alto como um violento dragão feroz, cintilando ao sol. O cabo mandou construir uma sólida torre onde armazenou os sacos de pólvora e as setenta e sete balas de canhão. Também colocou vigias para darem sinal no caso de se aproximarem grupos de Tártaros.

Vladimir Nikolai não mostrava grande interesse por todas aquelas coisas. Caminhou em volta do canhão, desfazendo a terra escura com os dedos enquanto murmurava para si:

— A terra está repousada e é boa. É terreno ideal para trigo doirado.

Ocasionalmente aparecia um Tártaro, e por vezes dois ou três, montados num pequeno cavalo. O cabo achava, que por tão poucas pessoas, não valia a pena carregar o canhão. Em vez disso, preferia exhibi-lo, vangloriando-se:

— Com um único tiro, o canhão de Santa Bárbara mata uma centena de pessoas, ou mais.

Mandou trazer da torre uma das setenta e sete pesadas balas para que a admirassem e lhe tocassem. Os Tártaros, no entanto, não se atreviam a aproximar-se do canhão. Aquela arma admirável impressionava-os imenso e nas suas tendas relatavam pormenorizadamente o que viam.

Naquele ano não houve um único ataque em toda a região.

Entretanto, os soldados de artilharia tinham cavado uma fonte, construído casas de madeira com cercas coloridas em redor. Embora continuasse a brilhar como ouro puro, o canhão era limpo

uma vez por semana. Finalmente todos os trabalhos terminaram. Os artilheiros deitavam-se preguiçosamente ao sol e alguns já tinham ganho barriga. Os dezasseis cavalos também se tinham tornado mais redondos, pesados e preguiçosos.

O Inverno chegou. De repente, Vladimir Nikolai começou a andar numa azáfama. Na aldeia mais próxima encontrara um bom ferreiro ao qual mandou fazer sete arados a partir de sete balas. Para avivar o fogo da forja, o ferreiro espalhava ocasionalmente alguma pólvora pelas chamas, mas apenas o suficiente para não fazer a casa ir pelos ares.

O cabo autorizara: setenta balas continuavam a ser suficientes.

Assim que a Primavera afastou o Inverno, Vladimir Nikolai arrancou os soldados da vida ociosa que levavam. Mandou-os atrelar os arados aos cavalos e arar a terra que se estendia até perder de vista. A maioria dos soldados tinha nascido no campo e sabia abrir sulcos em linha recta. A mando do Coronel, espalharam sementes de grãos de trigo cuidadosamente escolhidas. Ao fim de pouco tempo, o canhão encontrava-se no meio de uma ondeante e loura seara.

O tempo ajudou Vladimir Nicolai. Em finais de Agosto já a colheita estava concluída e o grão malhado. Mas onde guardar tão abundante colheita? Sem hesitar, Vladimir Nicolai mandou retirar todas as balas da torre e guardou os sacos de pólvora numa barraca de madeira. Em seguida, fez armazenar o cereal na torre.

Os Tártaros vinham cada vez com mais frequência. Durante todo o ano tinham observado o que os soldados faziam. Vladimir Nikolai foi afável. Ofereceu-lhes trigo, pois a colheita fora tão grande que nem em três anos os soldados e os dezasseis cavalos a consumiriam.

— Não querem também semear algum grão? — perguntou certo dia Vladimir Nikolai aos Tártaros que tinham ido buscar alguns sacos de cereal.

— Vamos perguntar — e saíram a galope.

Um dia mais tarde, chegaram muitos desconhecidos montados nos seus pequenos cavalos. O Cabo deu ordem para se carregar o canhão a toda a pressa. Mas, na barraca, a pólvora humedecera e o canhão nunca daria tiro algum. Também não foi necessário. O Príncipe dos Tártaros cavalgava no meio da sua multidão de aparência selvagem, magnificamente vestido com peles e trazendo ao pescoço uma corrente de garras de urso.

Vladimir Nikolai recebeu-o amavelmente, ofereceu-lhe um copo de vinho e perguntou:

— Então, o que tencionam fazer? Também vão arar a terra, semear e colher?

— Gostaríamos de cultivar a terra mas não podemos fazê-lo com as mãos. Não temos arados nem sementes — respondeu o Príncipe Tártaro.

— Isso resolve-se depressa. — prometeu Vladimir Nikolai.

Mandou fundir quarenta e nove balas para fabricar arados.

“Agora só fico com vinte e uma balas de canhão e nem uma migalha de pólvora seca,” pensou o cabo, muito preocupado. “Esperemos que os Tártaros não nos ataquem.”

Os Tártaros nem em tal pensavam. Na Primavera, começaram a arar e a semear, e finalmente puderam colher o seu próprio cereal. Mas nas suas tendas não havia lugar para tantos sacos de grão e começaram a construir casas sólidas. Vladimir Nikolai deu ordem aos soldados para os ajudar. Os soldados acabaram por reconhecer que os Tártaros não eram tão assustadores como tinham pensado. Alguns chegaram até a casar-se com bonitas mulheres tártaras.

— Porque é que assaltavam as aldeias? — perguntavam de vez em quando os soldados.

— Foram a fome e a necessidade que nos obrigaram — responderam.

E alguns confessaram que fora também o gosto pela aventura.

Ao fim de três anos, o Czar enviou um mensageiro. Vladimir Nikolai Varbaratov foi promovido a general e recebeu uma medalha de ouro, pois durante todos aqueles anos não chegara a Moscovo uma única queixa de ataques por parte dos Tártaros. Mais tarde, o Czar ordenou que o canhão de Santa Bárbara fosse levado para o seu castelo, onde ainda hoje pode ser visto.

Os artilheiros escolheram então Santa Bárbara para sua padroeira, pois um canhão que nunca tenha de disparar balas é o sonho de paz da maioria dos soldados...

O Czar chamou Vladimir Nikolai à corte e nomeou-o seu conselheiro.

Sergei Vassilevitch Varbaratov e a esposa, Natalia Sofia, estavam felizes com os dois filhos e não sabiam de quem estar mais orgulhosos, se do robusto fundidor de sinos, Leonid Michail, se do inteligente fundador da paz, Vladimir Nikolai.

Willi Fähmann
Folget dem Stern
München, Omnibus, 2004
(Tradução e adaptação)